



Vol. 18, nº 1 (2020)

DOI: 10.30681/issn22379304v18n01/2020p39-53

**LYGIA BOJUNGA EXPRESSANDO A FALTA SENTIDA NO
MUNDO EM *SAPATO DE SALTO***

**LYGIA BOJUNGA EXPRESSING THE LACK IN THE WORLD IN
*SAPATO DE SALTO***

Antonia Rodrigues da Cruz¹
Helvio Gomes Moraes Junior²

Recebimento do texto: 19/03/2020

Data de aceite: 18/04/2020

RESUMO: Neste artigo pretende-se analisar como a escritora Lygia Bojunga Nunes, expressando a “falta sentida no mundo” por meio do romance *Sapato de Salto*, toca em aspectos sociais pertinentes ao abuso e à exploração sexual infantil, promovendo a sensibilização humana em relação aos direitos de crianças e adolescentes. A partir do aporte teórico de Leyla Perrone-Moisés e de Antonio Cândido, discutir-se-á como os acontecimentos em torno da personagem *Sabrina* evocam aspectos da conjuntura social brasileira e provocam a reflexão para a falta mais sentida por toda criança: a falta de humanidade, representada na falta de atenção, carinho, respeito e amor.

PALAVRAS-CHAVE: Criança, Sexualidade, Direitos, Proteção.

ABSTRACT: This article aims to analyze how the writer Lygia Bojunga Nunes, expressing the “felt lack in the world” through the novel *Sapato de Salto*, touches on social aspects pertinent to child sexual abuse and exploitation, promoting human awareness for the guarantee of human rights. of children and adolescents. Based on the theoretical support of Leyla Perrone Moisés and Antonio Cândido, it will be discussed how the events around the character *Sabrina* evoke aspects of the Brazilian social conjuncture and provoke reflection on the lack most felt by every child: humanity, represented in the lack of attention, affection, respect and love.

KEYWORDS: Child, Sexuality, Rights, Protection.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, nível Mestrado, da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT/ Tangará da Serra-MT, Brasil, ppgel@unemat.br

² Professor Titular da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil. Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP/SP, Brasil



Introdução

Embora sugira beleza, sensualidade e empoderamento feminino, o título *Sapato de Salto*, romance publicado por Lygia Bojunga Nunes em 2006, representa a faceta de meninas que, para suprir necessidades básicas de sobrevivência, são empurradas ao universo da prostituição, lançando mão do objeto “sapato de salto” como recurso para elevar estatura e tornar-se mais *sexy* e atraente. A imitação desta realidade no texto possibilita contextualizar a ligação entre literatura e sociedade, considerando que: “A literatura nasce de uma dupla falta: uma falta sentida no mundo, que se pretende suprir pela linguagem, ela própria sentida em seguida com falta (PERRONE, 1984, p.103). Partindo deste pressuposto, considera-se nesta discussão também que “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (CANDIDO, 2006, p. 14).

Colocando a criança em situação de vulnerabilidade social no centro desta narrativa, Lygia promove no leitor reflexão crítica acerca da proteção e amparo por parte do Estado, da família e da sociedade, de modo geral, em relação às crianças e aos adolescentes. Remetendo o título da obra e a ilustração na capa (um sapato alto com uma fita métrica no salto) para o fenômeno social da prostituição infantil, a expressão literária bojunguiana permite ao leitor vislumbrar óticas diferenciadas para este assunto tão complexo e polêmico em nosso país.

Deste modo, neste artigo pretende-se analisar como a escritora Lygia Bojunga Nunes, expressando a “falta sentida no mundo” por meio do



romance *Sapato de Salto*, toca em aspectos sociais pertinentes ao abuso e exploração sexual infantil, promovendo a sensibilização humana para a garantia dos direitos de crianças e adolescentes. A partir do aporte teórico de Leyla Perrone-Moisés e de Antonio Cândido, discutir-se-á como os acontecimentos em torno da personagem Sabrina evocam aspectos da conjuntura social brasileira e provocam a reflexão para a falta mais sentida por toda criança: a falta de humanidade, representada na falta de atenção, carinho, respeito e amor.

Percepção da falta em *Sapato de Salto*

Em *Sapato de Salto*, a personagem principal é uma menina órfã, Sabrina, que com apenas dez anos de idade é enviada pelo orfanato para ser empregada e babá em uma “casa de família”. O casal, Matilde e Gonçalves, que recebe Sabrina, explora e maltrata a menina, roubando sua inocência e seu direito de ser criança. Matilde é uma senhora fria, mal humorada, servil ao marido e omissa em relação ao abuso sexual que o marido impõe à menina Sabrina todas as noites em sua casa. Os maus tratos e abuso só terminam quando, de modo inesperado, bate à porta da família a “tia Inês”, irmã da mãe da Sabrina que, após se apaixonar por um cafetão e ser explorada durante anos por ele, consegue fugir de suas garras e tenta reconstruir a vida, cuidando da mãe e da criança. Sabrina passa então a conhecer seu passado referencial, indo morar com a tia Inês e vó Gracinha, uma senhora caduca que, devido às perdas da vida, perdeu a noção de tempo e realidade. Mas a experiência dura pouco, até a tia Inês ser encontrada pelo ex-ocafetão, que a assassina na frente da mãe e da menina. A criança passa, então, a utilizar o dinheiro que a tia escondia dentro dos sapatos para cuidar



de si e da avó. As dificuldades empurram Sabrina para o caminho da prostituição e da rejeição pela sociedade local, mas também a aproximam de Andrea Doria, adolescente de treze anos que fazia aulas de dança com a tia Inês e que testemunha o açougueiro da cidade explorando sexualmente a menina. Apaixonado pela arte da dança, envolvido afetivamente com um rapaz mais velho e insultado pelo pai, Andrea Doria é também uma criança que necessita de orientação e cuidados. A solução para o problema da vida de um personagem da trama entrelaça-se na melhoria das condições de vida de outros, e é nas ações de Paloma, mãe de Andrea Doria, desencadeadas por meio dos diálogos que ela mantém com seu irmão visitante, Leonardo, que o desenrolar da história toma ares de perspectiva de futuro para todos. Paloma, insatisfeita com as atitudes machistas e violentas do marido e movida pelo desejo de ajudar, separa-se, adota Sabrina e sua avó, promovendo o bem estar do seu filho e dando novo sentido à vida de todos.

A partir desta contextualização, passamos a analisar alguns trechos da narrativa em que se torna possível perceber como que fatores sociais, externos à obra, constituem em importantes elementos para sua compreensão, inferindo acerca da expressão literária da autora sobre a “falta sentida no mundo”. A análise priorizará os acontecimentos em torno da personagem principal, Sabrina, evidenciando lacunas sociais existentes na concretização dos direitos da criança e adolescentes.

Falta do direito à liberdade e à infância

A história começa com a personagem principal, Sabrina, uma garotinha de apenas dez anos, chegando à casa do casal Matilde e Gonçalves



Vol. 18, nº 1 (2020)

A família estava almoçando quando a Sabrina chegou. Dona Matilde franziu a testa e falou de boca cheia:

-- Ih, mas ela é muito pequena pra ser boa babá. Que idade você tem, menina?

-- Vou fazer onze.

Seu Gonçalves olhou devagar pra Sabrina; bebeu um gole d'água:

-- O que interessa é se ela tem jeito com criança. Você tem jeito com criança?

-- Tenho, sim; eu gosto de brincar com criança.

Dona Matilde se endireitou na cadeira:

-- Você não veio aqui pra brincar, veio pra trabalhar (BOJUNGA, p. 9, 2018).

Esta apresentação inicial da trama, de modo direto, dialogado pelas personagens, sem referências a tempo e espaço, com poucas interferências do narrador, é característica própria da escrita bojunguiana que, em sua juventude, traduziu, interpretou e escreveu para teatro, rádio e televisão, deles herdando a linguagem simples e coloquial, capaz de dar a entender a crianças e adultos em contato direto com as ações e falas dos personagens. Chama atenção nesta cena uma menina de apenas dez anos se apresentar sozinha na casa do casal para trabalhar como babá de duas crianças. Com a obrigação do trabalho, a liberdade para brincar e dar asas à imaginação, desenvolvendo emoções saudáveis e descobrindo-se a si mesma, é um direito negado à Sabrina, que “não veio aqui pra brincar”. O fato é um exemplo de situação externa que organiza internamente a obra, contextualizada com importante fator social presente em nosso país desde a época da escravidão: o trabalho infantil doméstico. Combatido em 2003 pela Organização Internacional do Trabalho, Unicef e Abrinq, por meio da campanha lançada em Brasília, cujo *slogan* era “Trabalho Infantil Doméstico: não leve essa ideia para dentro de sua casa!”³, ter uma criança

³ Fonte: BBC.COM, Para muitos, trabalho doméstico é só uma ajudinha, 01/05/2003, Acessado em 03/12/2019



em casa para “ajudar” nos serviços do lar era uma prática comum no início do século na elite brasileira, que acreditava estar “ajudando” a criança, dando-lhe casa e comida ou pagando alguma pouca quantia em dinheiro:

– Tá bem, tá bem, não vou dizer mais nada. Pegou uma batata frita com o dedo. Mas ordenado não precisa: a gente vai dar casa, comida, roupa e calçado. E você viu o embrulhinho que ela trouxe, não viu? É sempre assim: elas chegam sem nada. A gente é que tem que dar tudo (BOJUNGA, 2018, p.12).

A dona da casa estabelece de que modo vai compensar o trabalho da menina pobre, que chega trazendo apenas alguma pouca roupa em um embrulho - “Era um embrulho pequeno, era um papel de jornal, era um barbante emendado” (BOJUNGA, 2006, p.11): será ofertado casa, comida, roupa e calçado. O tom áspero na voz da mulher identifica a mais valia da oferta sobre o trabalho a ser executado. É que a condição de pobreza, observada na seca descrição do embrulho com a roupa da Sabrina, desnuda a desigualdade social e, conseqüentemente de forças na relação. Sabrina tem quase nada para vestir.

Na história do vestuário, a roupa surgiu como uma necessidade humana para se proteger do frio e, à medida que a civilização avançava, passou a ser aspecto de diferenciação social, de sexos e de individualidade. O indivíduo que não tem roupas está desprotegido, goza de pouco valor e respeito em seu meio social. É esta a condição da Sabrina na casa em que irá morar: vulnerabilidade por falta de condições dignas para viver: um ser apequenado, sem valor e sem proteção que, ao adentrar ao mundo do trabalho vai se distanciando de sua infância



Vol. 18, nº 1 (2020)

E de dia, o dia todinho, a Sabrina tinha que distrair a Marilda e o Betinho. E a roupa dos dois pra lavar e passar. E a mamadeira pra preparar. E a calça pra trocar. E o mingau pra misturar. E o telefone pra atender (taí à toa, menina? quando o telefone toca, já sabe, atende logo). E a toda hora uma comprinha pra fazer:

“Dá um pulo na padaria e pega o pão.”

“Vai buscar um litro de leite.”

“Corre no botequim: seu Gonçalves tá sem cigarro.”

Sabrina corria, num instantinho voltava, achava tudo legal; mal acabava o almoço já pensava no lanche; era só acabar de lanchar pra pensar o que que ia ter pro jantar. A Marilda sempre do lado, o Betinho do outro, os três se gostando muito, tome risada e brincadeira, festinha e beijo estalado. De noite, quando deitava, Sabrina ainda queria ficar lembrando o bife desse tamanho, o pão com geleia e manteiga, a tevê tão enorme, mas dormia logo: o corpo moído. Pulava cedo da cama; quando o casal acordava, a Sabrina já tinha lavado, passado, brincado, cuidado (BOJUNGA, 2018, p.13-14).

A ludicidade e leveza da linguagem dão a entender ao leitor a satisfação da criança, “achando tudo legal”, pois estava tão encantada com o quarto e cama que tinha para dormir, almoço e lanche para comer, televisão para assistir, que não sentia o excesso de tarefas que pesava sobre ela. Em sua inocência de criança e acostumada com a falta de tudo em sua vida, encara o trabalho como uma brincadeira, divertindo-se com as crianças. Nesta mesma pesquisa divulgada pela OIT em 2003, encontramos trecho afirmando que

Quase meio milhão de meninas brasileiras com menos de 17 anos estão trabalhando em casas de terceiros, executando todo tipo de serviços domésticos, com jornadas excessivas. Mais da metade recebe menos do que um salário mínimo e não tem direito a férias. Quase 75% não conhecem os seus direitos (BBC.com, 01/05/2003).

Na pontuação curta das ações, Bojunga apresenta ao leitor um cotidiano de obrigações domésticas ininterruptas e exaustivas para uma



criança, que cansam o corpo e mente. O contexto é de exploração e falta de respeito à integridade física da menina. Os adultos se eximem de toda e qualquer função, exigindo da criança até comprinhas e pulos rápidos à padaria, mercado e botequim. Estes são os espaços que a mesma visita fora da casa do casal e os momentos em que, provavelmente, tem algum contato com a comunidade local, a qual não é dada voz nem participação ativa neste momento da narrativa, permitindo inferir a indiferença com o contexto de exploração infantil, vendendo até mesmo cigarros para a criança. A ausência de nomeação da localidade e a facilidade da criança para ir e voltar rapidinho sugerem um lugarejo qualquer, no interior do país. A descrição da rotina do início ao final do dia trabalhando, permite a inferência que a criança não frequenta a escola, o que é confirmado em outro trecho em que a menina pede ao seu Gonçalves para lhe dar aulas para “não ficar burra”

Um dia tomou coragem e pediu uma coisa que há muito tempo queria:

– Lá no orfanato a gente estudava um pouco; o senhor quer continuar me ensinando?

Ele alisou o cabelo dela:

– Você vai ser uma mulher muito bonita, não precisa estudar.

– Ah, eu não quero ficar burra. – E lançou mão de um argumento mágico: -- A gente estuda baixinho.

Seu Gonçalves ficou quieto. Ela insistiu. Ele acabou concordando.

– Tá bem, eu ensino. Mas não vou ensinar em segredo, não. A gente guarda o segredo pra outra coisa, tá?

– O quê?

– Não sei, vou pensar (BOJUNGA, 2018, p. 18).

A falta do direito de ir à escola, do direito ao lazer, à liberdade, dignidade e respeito agregados à falta de proteção do Estado e da sociedade, permitem a constituição de ambiente favorável ao abuso sexual. O real é imaginado e narrado de modo tão natural quanto permite a criatividade



artística da autora. Enquanto Sabrina sonha em estudar, o seu Gonçalves já planeja outras coisas para ela

A curiosidade era grande: Sabrina progredia tanto nos estudos que o seu Gonçalves quis ver se outras aulas iam ser tão bem assimiladas assim. Entrou uma noite no quarto dela e se instalou na cama comjeito de quem tá inventando uma nova brincadeira. Quando a Sabrina foi gritar de susto, ele tapou o grito com um beijo. E depois cochichou:

– Esse vai ser o nosso maior segredo, viu? – e foi brincando de roçar o bigode na cara dela.

(...)

– Que que há, seu Gonçalves? não faz isso, pelo amor de deus! O senhor é que nem meu pai. Pai não faz assim com a gente. – Conseguiu se desprender das mãos dele. Correu pra porta. Ele pulou atrás, arrastou ela pra cama:

– Vem cá com o teu papaizinho.

– Não faz isso! Por favor! Não faz isso! – Tremia, suave. – Não faz isso!

Fez. (BOJUNGA, 2018, p. 22).

A narração seca e pontual do estupro coloca o leitor diante de um mundo terrível, em que a inocência é atacada pela falta de escrúpulo e decência do adulto, que ganha confiança para roubar a inocência. A descrição do roçar do bigode e a evocação da imagem paterna remetem à cena da Chapeuzinho Vermelho com o Lobo Mau, emergindo a metáfora do “é pra te comer” de outrora com o ataque impiedoso do lobo. Ambos, lobo e homem, aproximaram-se da criança fazendo-se de bons amigos para conquistar a confiança e atacar. O local do ataque é o quarto da vítima, que representa conforto e segurança, que são rompidos pela aproximação sorrateira daquele que deseja estuprar.

E esse é o modo de ser histórico da literatura contemporânea, mais para o negro do que para o cor-de-rosa. Ora, nessas obras negativas lê-se ainda mais claramente a insatisfação causada pela falta. Acentuar o que está mal, torná-lo perceptível e



generalizado até o insuportável, é ainda sugerir, indiretamente, o que deveria ser e não é (PERRONE-MOISES, 1984, p. 104).

A moradia que deveria ser um lar, mas é apenas um teto. O casal deveria ser uma família, mas são patrões. Os adultos que deveriam amar e proteger a criança, maltratam e violentam. Ao colocar o leitor de frente com o ato do estupro, Bojunga escancara a verdade escondida na vida sofrida de tantas meninas vítimas da mesma situação em todo canto do Brasil. O senhor Gonçalves representa aquele que deveria ser o “bom chefe de família” da sociedade, de boa condição social e índole acima de qualquer suspeita. Sabrina representa a criança desamparada, sem lar, fora da escola, pedindo dinheiro na rua, comida nas portas, trabalhando para sobreviver, ou que esteja talvez em suas casas, sendo vítima de pais, tios, padrastos, melhores amigos da família, enfim, homens que deveriam ser carinho, proteção e cuidado, mas que são lobos à espreita, planejando a violência, atacando e matando crianças.

Falta de proteção ao desenvolvimento de uma sexualidade saudável

Depois que o seu Gonçalves foi embora a Sabrina ficou parada olhando pra maçaneta da porta. A luz que vinha da rua clareava um pouco o quarto, mas Sabrina só olhava pra maçaneta e mais nada. Já era de madrugada quando reviveu a sensação do bigode andando pelo corpo. Estremeceu: e agora? continuava falando baixinho com ele? sumia dali? olhava a dona Matilde no olho? sumia pra sempre? brincava com a Marilda e o Betinho? sumia pra onde? Quando o dia se levantou ela sentiu que ia ficar. Sem planos, sem escolha. Só com o instinto dizendo que, apesar de tudo, era mais fácil ficar (BOJUNGA, 2018, p.23).

Era mais fácil ficar porque não tinha para onde ir, nem com quem contar. É órfã. Não tem família. Não conhece ninguém. O orfanato, de onde veio, é lembrado pela personagem, em alguns trechos da narrativa, como



um lugar de onde se queria fugir. Então, o leitor vai dando conta do recurso estético da autora de apresentar a Sabrina chegando sozinha à casa do casal e em nenhum momento receber uma visita de acompanhamento da instituição de onde havia saído. O Estado está ausente, sem proteger e amparar a menina. A sociedade também. Dona Matilde, a única adulta mais próxima da menina, é a esposa do agressor e sempre ríspida, não inspira confiança, pelo contrário, a possibilidade dela descobrir aterrorizam a Sabrina

Até que uma noite, justo quando o seu Gonçalves vinha num crescendo de exclamações, o olho da Sabrina se despencou da maçaneta pra tira de luz que, de repente, apareceu debaixo da porta. O coração, adoidado, desatou a martelar no ouvido, se misturando com os gemidos do seu Gonçalves. Um chinelo de salto entrou sorrateiro na faixa de luz. Parou. Sabrina quis abafar as palavras que explodiam do seu Gonçalves, mas estava paralisada de medo. O chinelo também: paralisado. E depois que o seu Gonçalves se aquietou o chinelo continuou sem se mexer. Durante um tempo que parecia não ter fim. Até que, lá pelas tantas, o chinelo desgrudou do chão. E a tira de luz se apagou.

[...] Dona Matilde deu pra repreender Sabrina cada vez com mais aspereza. Botou ela pra lavar prato, arear panela, esfregar o chão, limpar vidro, varrer jardim. Na hora de cuidar das crianças a Sabrina não conseguia mais vencer o cansaço e volta e meia cochilava. Dona Matilde começou a bater na Sabrina cada vez que pegava ela cochilando (BOJUNGA, 2018, p. 25-26).

Na realização artística literária, Perrone-Moisés (1984) afirma que a obra (literária) aponta para o que falta no mundo e em nós. Imobilizada atrás da porta do quarto, a mulher presencia ocultamente o abuso e, ao invés de agir em defesa da criança, passa a aumentar o serviço e a lhe aplicar castigos físicos, desnudando a covardia humana, a inversão de valores, o egoísmo e a maldade. Falta coragem em Matilde. Falta bondade, ética e empatia. Falta humanidade. O agressor é poupado e a vítima punida, comprometendo seu



direito de “desenvolver e exercitar de maneira sadia e segura sua sexualidade”, como estabelece os Direitos Humanos. Além do abuso sexual, Sabrina vivencia também a exploração sexual, assim definidos pelo gerente do Programa de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes do Ceará, o psicólogo Ângelo Motti

O abuso sexual se caracteriza pela utilização do corpo de uma criança ou adolescente para a prática de qualquer ato de natureza sexual. A exploração sexual é entendida como o uso da criança ou do adolescente em atividade sexual em troca de remuneração ou qualquer outra forma de compensação (MOTTI, 2019, p.53).

Após o primeiro ato de violência sexual contra a menina, seu Gonçalves passa a ir quase todas as noites ao quarto dela, impedindo seu descanso e provocando-lhe terror psicológico, pois não conseguia mais dormir, de tão aflita que ficava. O homem começa, então, a levar “presentinhos” para Sabrina

Na outra vez que voltou trouxe fruta cristalizada. Não brincava mais de esconder bombom e bala no jardim: deixava na cadeira do quarto quando entrava. Quando saía falava:
– A balinha que você gosta taí na cadeira.
Ou chocolate. Ou revista em quadrinho. Ou lenço. Mas levava sempre uma coisa. E quando uma noite não levou, explicou:
– Hoje não deu tempo de comprar.
– Ah...
– Mas guarda esse dinheirinho. – Saiu. (BOJUNGA, 2018, p. 27-28).

Uma estratégia utilizada por Gonçalves para se aproximar e ganhar a confiança antes de concretizar o abuso sexual era “brincar” de esconder coisas da Sabrina para ela achar. Tudo mantido em segredo, prefigurando a má intenção deste para com a criança. Após o estupro, a estratégia de sedução muda para pagamento e o aliciamento ganha *status* de exploração



sexual. Presentes, balas e dinheirinho configuram formas de compensação e pagamento do abusador para usar o corpo da menina.

Outro momento de exploração sexual da criança na narrativa ocorre após a tia dela, que a havia resgatado das garras do casal, ser assassinada por um ex-, cafetão. Sabrina e a avó, uma senhorinha que, de tanto sofrer na vida, havia ficado louca, ficam desamparadas. Por algum tempo, a menina mantém a casa e as despesas com o dinheiro que a tia ganhava se prostituindo e que escondia por baixo da palmilha dos sapatos de salto que usava. Quando o dinheiro acaba e a fome aperta, Sabrina resolve fazer o que a tia fazia para ganhar um dinheirinho

Até que, lá pelas tantas, o ruído de passadas na mata e de braçadas afastando o capim sacudiu o Andrea Doria do torpor. Se sentou, se encolheu, espreitou. Logo apareceu o açougueiro. Se encaminhou pra picada; parou e ajeitou o cabelo com a mão. Em seguida apareceu a Sabrina. O açougueiro se virou pra ela:

– Aqui tá o caminho por onde a gente veio. Eu vou indo na frente. Dá um tempo pra voltar: é bom que ninguém veja a gente junto.

Tchau. – Deu as costas.

– Ei, perai – Quase num salto, a Sabrina se pôs na frente dele. – E o dinheirinho?

O açougueiro procurou no bolso; estendeu uma nota pra Sabrina.

– Não foi isso que a gente combinou – ela falou com firmeza.

O açougueiro teve uma ligeira hesitação; tirou do bolso outra nota e deu pra ela.

– Nem isso – ela disse, enfiando dentro da blusa as duas notas. – A gente combinou que era trinta, falta mais dez.

– Você não é nenhuma Inês, tá começando agora. Vinte tá muito bem pago. – Afastou a Sabrina com o braço do mesmo jeito que afastava o mato e seguiu em frente. – Dá um tempo pra voltar! – recomendou outra vez. Ela ficou um tempo parada; depois se virou pro rio. (BOJUNGA, 2018, p.167).

Não é à toa que o homem a pagar pra fazer sexo com a Sabrina seja um açougueiro. A linguagem bojunguiana é cheia de simbolismos, permitindo interpretar que aquele que abate os animais e separa as carnes para a venda, esteja, analogamente, abatendo a infância da menina ao dispor



de sua carne para satisfazer sua fome sexual. Ao afastar a Sabrina “do mesmo jeito como fez com o mato” percebe-se a falta de respeito e consideração ao ser humano e, principalmente, ao ser criança. Para aquele homem, Sabrina não é gente, muito menos criança, é apenas um objeto a atrapalhar seu caminho.

Considerações finais

A leitura desta narrativa permite refletir sobre o quão longe estão de serem cumpridos os direitos humanos de crianças e adolescentes. No mundo todo e em nosso país presenciamos ou ouvimos, estarrecidos, notícias de violência contra os mesmos. Nesta representação literária de Bojunga, por meio dos diversos tipos de violência sofridos pela personagem Sabrina, sentimos falta da sensibilidade humana no trato com a criança. A ausência do Estado, da família e da sociedade, protegendo e garantindo o gozo de todos os direitos fundamentais a quem mais precisa, faz ver com outros olhos e compreender de modo mais humano o fenômeno da exploração sexual, outrora prostituição infantil. Ao colocar no centro de sua narrativa, a criança em situação de vulnerabilidade social, Lygia nos faz voltar o olhar para a realidade de meninas e meninos carentes de moradia, alimentação, vestimenta, família, saúde, educação, lazer, sendo vítimas todos os dias dos mais variados tipos de violência em casa ou nas ruas, e nos chama a atenção para a falta mais sentida por toda criança: a falta de humanidade, representada na falta de amor, atenção e carinho.



Referências

- BOJUNGA, Lygia. **Sapato de Salto**. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2018.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- FEBA, Berta Lúcia Tagliari. **Pesquisas sobre a obra de Lygia Bojunga e suas contribuições**. Passo Fundo: 12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura, 2013.
- MEC, Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Assessoria de Comunicação Social, 2005.
- MOTTI, Ângelo. **Violência sexual contra crianças e adolescente: marcos conceituais – abuso sexual**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2019.
- PALHANO, Tatiana Coelho. **Leitura e Desleitura na obra de Lygia Bojunga**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009.
- PEREIRA, Italiene Santos de Castro. **As representações do sapato na polissemia de Sapato de Salto, de Lygia Bojunga**. Instituto de Letras e Linguística – ILEEL Programa de Pós Graduação em Estudos Literários – PGLETRAS – Universidade Federal de Uberlândia.
- PERRONE-MOISES, Leyla. **Flores de escrivanhina: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.